OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

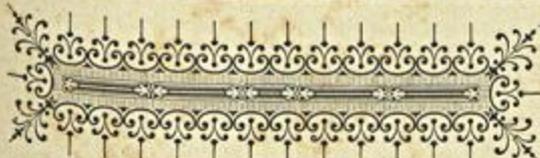
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 450

21 DE JUNHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Escrevo esta chronica precisamente na vespera das duas primeiras novidades theatraes da actual epoca de verão, e isso embaraça me um poucochinho porque contava com essas duas novidades para principal assumpto, muito menos pela importancia artistica que ellas por ventura tenham do que pela escacez completa de assumptos com que se apresentou este anno o meado do mez de junho.

Onde ha algumas novidades é no mundo politico; mas alem de eu não gostar inteiramente nada de viajar por esse mundo, as novidades que por lá ha não são d'uma *novidade* tão original que me obrigue a vencer a minha repugnancia a essa viagem.

A approvação do tratado com a Inglaterra foi uma d'essas taes novidades, e a verdade é que essa approvação não foi novidade para ninguem porque toda a gente sabia que esse tratado fosse qual fosse, seria approvado agora, do mesmo modo que ha coisa de um anno se sabia tambem que elle não seria votado fosse qual fosse tambem.

A outra novidade da politica é a apresentação da lei de meios o plano de economias e moralidade, que o governo apresentou na camara, o seu programma de vida nova.

Não pecca tambem pela originalidade esse caso, porque planos de economias e de moralidade não são de modo nenhum uma novidade na politica portugueza.

Novidade grande e original seria a de um governo que se apresentasse a declarar em côrtes que ia gastar á larga e atirar com o dinheiro ás mãos cheias pelas janellas fóra.

Fazel-o não era com certeza novidade nenhuma mas dizel o seria profundamente original e novo.

Agora dizer o contrario, dizer que se vae inaugurar uma epoca de economias profundas e radicaes é uma das banalidades mais banaes da nossa politica e se os echos do parlamento fossem papagaios com certeza que passariam de ha muito tempo a sua vida a papaguear esses programmas de vida nova, com que ha um bom par d'annos todos os governos que se teem succedido no nosso paiz, tem feito em camaras a sua apresentação.

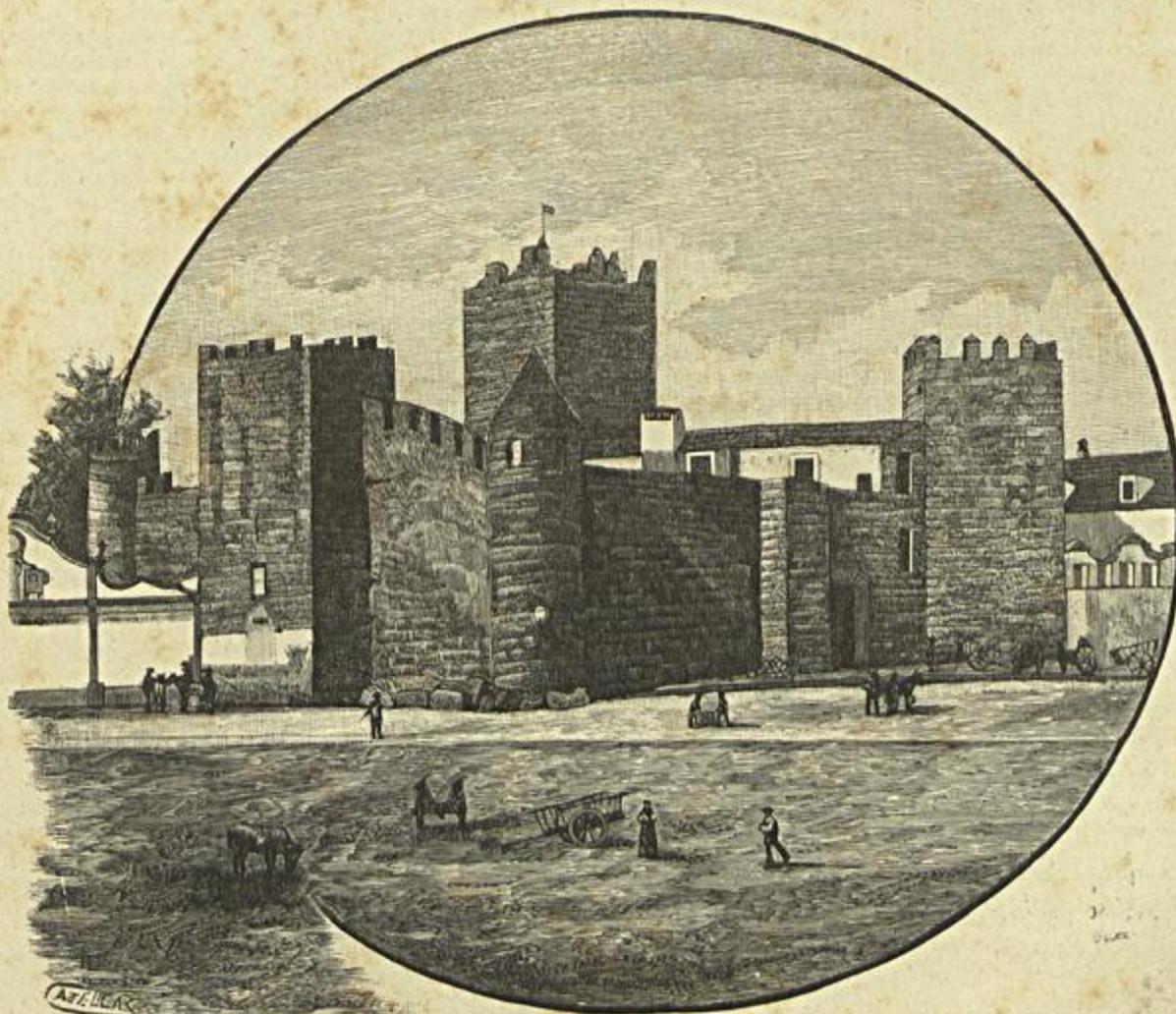
Entretanto o actual ministerio tem uma maneira de ser profundamente original, de assignalar a sua passagem pelo poder com uma novidade de primeira ordem e essa maneira vem a ser, cumprir o seu programma e fazer essas economias, mas fazel-as sem *poeira*, fazel-as de *cima a baixo*, sem as contemplações e as excepções que tem tomado estes planos de economias, indifferentes para muitos odiosos para alguns.

Se tal fizer então sim, então o governo terá feito uma novidade e nós seremos dos primeiros a applaudil-o.

Veremos ?

Oxalá que sim.

*
* *

A' ultima hora quando imaginava-mos que não

CASTELLO DE ALTER DO CHÃO

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Luiz Cordeiro Godinho)

teriamos outro remedio senão mettermo nos no ensaio da *Gran-duqueza de Gerolstein*, a novidade do theatro da Avenida e no ensaio geral do *Sonho de Ventura* a novidade do theatro do Gymnasio no verão para arranjarmos assumpto para a nossa chronica, apparecem-nos ao mesmo tempo quatro novidades, uma triste uma outra um bocadinho assustadora, outra eminentemente comica e finalmente outra de grande importancia litteraria a darem-nos que fazer.

A tristissima é a morte repentina d'um grande medico, d'um illustre professor da Universidade de Coimbra e que ha poucos annos estabelecido na nossa cidade, grangeára logo grande fama e larga clientela : — o dr. Lourenço d'Azevedo.

O dr. Lourenço d'Azevedo era uma d'essas altas summidades medicas para quem se appella sempre nas doenças extremamente graves, nos casos perigosissimos senão desesperados, era um d'esses medicos de suprema instancia, como em todos os paizes ha sempre trez ou quatro.

Muito considerado pelos seus collegas pelos seus profundos conhecimentos scientificos e larga practica clinica, muito afamado entre os profanos pelas tradicções, que corriam das suas milagrosas curas, o dr. Lourenço d'Azevedo tinha muito que fazer em Lisboa e era um dos medicos mais procurados tanto pela clinica particular como pelos serviços de saude officiaes, para que o governo o chamava sempre n'estes ultimos annos, como uma das capacidades medicas mais provadas e reconhecidas.

Desde que o dr. Lourenço d'Azevedo assentou em Lisboa a sua residencia até hoje é com certeza rara a commissão official de medecina, ou a conferencia medica, particular de certa importancia em que não appareça o seu nome, e mesmo de fóra de Lisboa o illustre medico era a cada momento chamado com muita instancia para os casos difficeis e perigosos.

E em muitos d'esses casos a sciencia do illustre clinico, o seu magnifico olho medico, e o seu abalisado e seguro conselho fizeram o milagre que se reputava impossivel e d'ahi a fama dia para dia crescente do dr. Lourenço d'Azevedo, a confiança ilimitada que n'elle depositavam todos os enfermos que o conheciam.

O dr. Lourenço d'Azevedo não era muito novo já, mas não era um velho.

De apparencia forte, robusta, aturando sem descanço uma vida muito trabalhosa, uma clinica enorme, a sua morte repentina e inesperada surprehendeu tristemente todos quantos o conheciam.

Foi no dia 18 que elle expirou. Andara todo o dia a ver doentes, e até por signal estivera n'um hotel a vêr um doente de enfermidade um pouco suspeita— o nosso segundo assumpto — Recolhera á tarde a casa, sentara-se á meza para jantar quando de repente foi atacado por uma grande hemorragia seguida de perto por uma paralysia parcial.

Chamado immediatamente um medico, o sr. dr. Monperrin Santos, quiz este, attenta a gravidade enorme do mal, sangral o.

O dr. Lourenço d Azevedo oppoz-se a isso segundo contaram os jornaes, allegando que o seu estado de fraqueza não lhe permittia soffrer perdas de sangue : a paralysia subiu rapidamente e d'ali a nada o illustre medico era cadaver, expirava conhecendo perfeitamente o seu estado, sentindo a morte que se aproximava implacavel, fatal.

*
* *

Dissémos que um doente que o Dr. Lourenço de Azevedo vira no proprio dia da sua morte era o segundo assumpto a que nos referimos no principio da nossa chronica, o tal assumpto um bocadinho assustador, assim é.

Esse doente viera do Lazareto na vespera e viera já com uma febre violenta que aos medicos do Lazareto não apresentara symptoma algum de doença suspeita.

Não foi essa a opinião do dr. Lorenço d'Azevedo ao ver o doente e tanto que, preocupado com os symptomas da enfermidade, requereu logo conferencia.

Foi chamado o sr. dr. Mattos Chaves para juntamente com o illustre clinico examinar o doente, mas o sr. dr. Mattos Chaves foi de opinião contraria, segundo dizem os jornaes, resolvendo entretanto os dois medicos que o doente fosse isolado como medida preventiva

Fallecido o dr Lourenço de Azevedo foi n'essa mesma noite chamado o sr. dr Ayres de Ornellas para ver o doente e este distincto medico teve a respeito d'elle as mesmas apprehensões do dr. Lourenço, de que se tratava de molestia suspeita e contagiosa, e communicado o caso á policia, n'essa mesma noite o doente e as pessoas que o tratavam ficaram isoladas.

A noticia correu rapidamente pela cidade causando certa sensação, mas não havendo motivos para sustos pelas providencias tomadas promptamente e por estar o caso submettido á vigilancia de medicos distinctos como são os drs. Mattos Chaves e Ayres Ornellas, e a um funccionario tão intelligente, tão zeloso, e tão habil como é o sr. dr. Pedroso de Lima, o commissario da 2.ª divisão policial.

*
* *

Vamos agora ao caso comico.

Deu-se n'um terceiro andar da rua de S. Julião e começando como um dos mais tetricos capitulos de Xavier de Montepin, acabou como um dos desopillantes romances de Paulo de Kock.

Eis o principio que é de arrepiar os cabellos e nos transporta do terceiro andar da rua de S. Julião aos subterraneos mysteriosos de Anna Radcliff.

No dia 17, em pleno dia, como não apparecesse o inquelino d'esse tal 3.º andar arrombou-se a porta da casa, e o desgraçado foi encontrado estendido no chão, amordaçado com um lenço cheio de nodoas de sangue ! (horror !)

Na casa havia indicios de lucta gigantesca ; e as gavetas de varios moveis abertas e revolvidas denunciavam a passagem por ali de uma horda de salteadores. Chamada a policia interrogou o homem amordaçado, depois de lhe ter tirado a mordaça é claro, mas o homem, apesar de desamordaçado, moita ! nem palavra a todas as perguntas da auctoridade !

Intrigada com esse mutismo, a auctoridade observou então mais de perto o homem — estava desmaiado : perdera os sentidos e por isso nem pio, coitado !

Levado o homem para o hospital, a policia começou á procura dos facinoras, dos salteadores, mas depois de procurar por todos os lados e depois de interrogar a victima ferou com a propria victima no *estarim!*

Agora a explicação d'este acto de justiça de mouro : porque foi que a policia ainda em cima do homem ter sido roubado, amordaçado, espancado, fez com que elle fosse engaiolado ?

Por uma razão muito simples, porque descobriu que elle se espancára e amordaçára a si proprio, o que com certeza não é crime, porque uma pessoa está no seu pleno direito de se amordaçar quantas vezes quizer, mas que não se roubava a si proprio, porque fingindo-se roubado não era a si que se roubava mas sim a um terceiro que se não commoveu com o romance *á sensation* com que o seu credor o quiz obsequiar.

*
* *

E para fechar a chronica a ultima noticia, a noticia litteraria.

Sabemos que foi hoje dezenove, posto á venda nos livreiros o romance, *O barão de Lavos*, original do nosso presado amigo e illustre escriptor Abel Accacio Botelho. Conhecemos o assumpto do romance e conhecemos o talento notabilissimo de Abel Accacio tão brilhantemente affirmado na *Juocunda* e na *Claudio*, duas peças de grande merecimento de que aqui fallámos largamente quando se representaram no theatro do Gymnasio e no theatro do Principe Real, e por isso apesar de não termos ainda lido a nova obra de Abel Accacio, saudamos o seu apparecimento como um acontecimento litterario de primeira ordem, como o é sempre, em toda a parte a publicação d'uma obra nova d um escriptor do alto merecimento de Abel Accacio.

Gervasio Lobato.

UMA RECITA EM HONRA DE GERVASIO LOBATO

A festa foi a 29 do mez passado, mas nós ainda agora vamos fallar d'ella.

Mais feliz que Santo Amaro, a quem festejam na vespera do seu dia e as pessoas que chegam no dia seguinte não vêem já vestigios de festa, Gervasio Lobato tem ainda hoje quem venha fallar da sua recita, como se acabasse de assistir a ella, com a memoria tão fresca, tão lepida, como só a pode ter quem vem de assistir á representação da «*Em boa hora o diga*,» com o figado desopilado e o espirito alegre, depois de ter abraçado o Gervasio Lobato, no meio das ovações de um publico enthusiasmado e sobe uma chuva de rosas de Panlo Plantier a innundar o palco e a perfumar o ambiente com o seu aroma festivo.

Tudo isto lá houve e á farta ; flores, ovações, abraços, brindes, alegria, uma festa, mas uma festa de amigos, de admiradores, que são todos que conhecem Gervasio Lobato, que apreciam o seu talento, que estimam o seu caracter como se estimam as joias, que admiram as qualidades do artista e do homem que se completam e formam aquelle espirito alegre e coração bom, fazendo a felicidade do lar, e tendo ainda para repartir com os outros, nas horas alegres que lhes dá com a leitura dos seus escriptos ou com a representação das suas comedias

E quer n'uma quer n'outra o seu reportorio é numeroso, sem veslumbres de cançaço, cada vez mais vivo, mais novo, mais imprevisto, abarrotando de graça, de uma graça inesgotavel, que se multiplica de peça para peça, sem se reproduzir, sendo um verdadeiro desespero para os confrontos, debique que tem por cá muitos apaixonados.

Pois esses apaixonados não tem nada que fazer com as peças de Gervasio Lobato. Houve quem dissesse que a *Em boa hora o diga*, é inferior ao *Commissario de Policia*, mas o que é verdade é não ser nem inferior nem superior ; é simplesmente uma comedia, extremamente engraçada, em que se encontra um bom par de ridiculos bem observados e bem aproveitados, sem ponto nenhum de contacto com outras producções do mesmo auctor, e para quê ? se a seara é tão farta e tem tanto que mondar.

Oh ! os ridiculos dão de sobra para milhares de comedias, e sao elles todos juntos que constituem a grande comedia da vida

O grande segadoiro que os hade ceifar de todo, ainda não está inventado, e Gervasio Lobato vae aproveitando os bem, sem fel, com extrema arte scenica, fabricando quando muito aquellas carapuças de que nos falla Faustino Xavier de Novaes.

Mas da festa é que nós pretendemos fallar, e ella justifica o valor da obra, porque o publico asistindo aquella recita assistiu á 15.ª representação da peça, o que era já um triumpho para o seu auctor, se elle não tivesse outras peças com centenas de representações e a *Em boa hora o diga* se não achasse com forças de chegar a idade das manas, tão gaiteira como ellas.

Se ha mais tempo as emprezas theatraes tivessem feito o que a empreza do theatro do Gymnasio principiou a fazer o anno passado, reservando uma recita para o auctor ao fim de um certo numero de representações da mesma peça, teriamos tido que registrar muitas festas em honra de Gervasio Lobato, e os seus amigos já se dariam a perros para achar modo de lhe fazer agradaveis surpresas, nas noites d'essas festas

D'esta vez matutamos um boccado sobre o que se havia de fazer.

Houve varios alvitres mais ou menos exequiveis dentro do tempo de que se dispunha.

— E se cada um fizesse a sua caricatura, n'um album que todos lhe offerecesse-mos, lembrava Pedrozo Lima.

Bordallo appoiava, pela mesma razão que o infante D. Pedro obrigava os maltezes a roerem a colher de chifre com que comeram a assorda a que D. Pedro arranchara com a sua colher de codoa de páo, impondo no fim a cada um o comer a colher principiando por elle.

— Mas eu não sei desenhar, atalhava um, e logo outro e um terceiro e quarto, e por fim o proprio que fôra da lembrança.

— O melhor é offerecermos-lhe um grupo de nós todos, alvitrou não sei qual

— Mas isso estará prompto até ámanhã á noite ? Observou judiciosamente um de nós.

— O Bobone é que o hade dizer, lembrou ainda Pedrozo de Lima

— Pois vamos ao Bobone.

E dito e feito, fomos todos ao atelier photographico do Bobone

Para um artista como Augusto Bobone não ha impossiveis. Chegámos, photographamo nos, e ao fim de vinte e quatro horas, tinhamos em nosso poder a bella photographia que vae reproduzida em ponto menor, na gravura da 4.ª pagina.

Nem d'outro modo poderiamos offerecer a Gervasio Lobato, na noite da sua festa, a que assistio a familia real e a melhor sociedade de Lisboa, os nossos retratos n'um grupo muito grave, firmado com as nossas assignaturas e deposto nas suas mãos, com os nossos abraços da mais bella amisade e preito ao homem e ao artista

E eis que nos achamos chronistas d'este facto memoravel.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

CASTELLO DE ALTER DO CHÃO

Na vasta collecção de castellos de Portugal que temos reproduzido em gravura, nas paginas do Occidente, como outros tantos decumentos da velha historia que assim vamos archivando. figura hoje o castello de Alter do Chão, que reproduzimos de uma bella photographia que nos foi offerecida pelo sr. Luiz Cordeiro Godinho, amador photographico, que apresenta provas muito apreciaveis do seu bom gosto artistico.

O castello de Alter do Chão, diz Pinho Leal, no seu *Diccionario de Portugal Antigo e Moderno*, que foi mandado construir por D. Pedro I, o qual assistiu a parte da sua edeficação, que concluiu a 22 de setembro de 1359.

Este castello foi por muitos annos defeza da villa, que no tempo dos romanos fôra cidade importante sobre o nome de *Abelterium*, *Eltori* ou *Elteri*.

Passava então por esta cidade a via militar romana que seguia de Lisboa a Merida.

Foi em 1216 que D Affonso II fundou as villas de Alter do Chão e Pedroso, no mesmo sitio onde existira a *Elteri* dos romanos, e que então já fôra abandonada pelos arabes seus ultimos habitantes antes dos portuguezes.

Não nos falla a historia de nenhum grande feito praticado no castello de Alter do Chão, e por isso a sua ruina mais vem do tempo que dos estragos das guerras.

Hoje este castello é propriedade particular, e o seu possuidor concerva-o como uma reliquia do passado, tendo-lhe feito alguns reparos sem lhe tirar o cunho da antiguidade.

Alter do Chão é uma villa importante do Alemtejo, pertencente ao districto de Portalegre. O seu principal commercio são cereaes. palhas e lãs.

Muito bem situada em terreno elevado. é das mais pittorescas povoações d'esta provincia,

ANTONIO ENNES

Commissario regio em Moçambique

O *Diario do Governo* do dia 19 do corrente, publicou um decreto nomeando o sr. Antonio Ennes para o cargo de commissario regio na provincia de Moçambique, para proceder á execução do tratado anglo-portuguez. com respeito á delemitação das nossas fronteiras n aquella provincia, e mais condições do referido tratado, segundo as instrucções dadas pelos srs. ministro da marinha e dos estrangeiros.

Não podia recahir esta nomeação em funccionario mais competente que o sr. Antonio Ennes, ex-ministro da marinha e ultramar, e que collaborou, portanto. activamente nas negociações que levaram a cabo o novo tratado.

O conhecimento que o sr. Antonio Ennes tem hoje d'esta questão, a sua intelligencia e desejo de bem servir a patria. são predicados que o recommendavam n'este momento para a difficil commissão que vae desempenhar.

Não são isto simples phrases banaes ou de cliché, que a cortezia ou complascencia faz muitas vezes dizer, arespeito de qualquer nomeado; ocioso é até dizel o, tratando se do sr Antonio Ennes, cuja vida politica é bem conhecida, assim como o seu talento, pelo qual tem conquistado os mais altos cargos da governação.

Estão bem na memoria de todos, os seus triumphos litterarios, ninguem terá esquecido a sua penna de jornalista, que fez, por assim dizermos, de um dia para o outro um jornal como *O Dia*, procurado e lido com uma popularidade que muitos não alcançam o fim de grande numero de annos, e como elle n'esse jornal conquistou, pelos seus escriptos, a pasta de ministro da marinha que occupou no ultimo gabinete demissionario.

A sua gerencia na pasta da marinha foi das gerencias mais difficeis que este ramo da administração publica tem tido.

Foi uma lucta constante, sem treguas, atravez d'um periodo anormal, em que se accumularam difficuldades sobre difficuldades, que fariam vacilar o mais esperimentado, mas que elle, novo na empreza, soube vencer com animo e energia, organisando em poucos dias a expedição militar a Moçambique, providenciando sobre os acontecimentos da ilha de S. Thomé, da Guiné e do Bihe com uma presteza pouco em uso nas coisas officiaes.

O sr. Antonio Ennes alia aos seus louros de litterato e jornalista a gloria de ser ministro da marinha em uma epoca tão critica e sahir da refrega ilezo e triumphador com a consciencia de ter feito tudo quanto podia fazer dentro dos elementos de que dispunha.

E' por tudo isto que a sua nomeação para o espinhoso cargo que vae desempenhar em Moçambique, foi hem recebida por todos que confiam plenamente na sua grande intelligencia e provado patriotismo.

O sr. Antonio Ennes parte hoje no paquete da Mala Real, para Moçambique a desempenhar-se da commissão para que acaba de ser nomeado, e até n'esta rapida partida. para que fôra nomeado dois dias antes, mostra quanto anda fóra dos habitos, d'esta boa sociedade portugueza.

Para coadjuvar o sr. Antonio Ennes n'esta commissão, foi tambem nomeado o sr. Dantas Barracho, que deverá partir em um dos paquetes proximos para Moçambique.

Esta viagem do sr. Ennes á vasta provincia de Moçambique tem a vantagem, alem do fim especial a que é destinada, de o fazer conhecer de perto aquella importante possessão, com o que muito aproveitará o paiz e o ex-ministro da marinha quando um dia seja chamado de novo a dirigir esta pasta.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

(Conclusão)

BANCO DE PORTUGAL

Parece nos que não será do desagrado do leitor para melhor completarmos este artigo, fazermos uma brevissima descripção historica do antigo edificio onde, em 1821, foi installado o Banco de Portugal, bem como da casa que o mesmo banco adquiriu posteriormente ao incendio occorrido na noute de 19 de novembro de 1863.

E' o que, envidando todos as nossas forças vamos dizer, em breves linhas, para não alongarmos mais este artigo.

O Banco de Lisboa logo depois da sua fundação, em 1821, foi estabelecido na parte fronteira do grande edificio da camara municipal, palacio feito em 1770-1774, pelo risco do architecto Eugenio dos Santos Carvalho.

Esse edificio que occupava um enorme quadrilongo entre as ruas do Arsenal e rua Nova d'El-rei (vulgó rua dos Capellistas) a entestar com a rua Aurea. tendo a fachada da frente para o largo do Pelourinho, era solidamente construido com magnificas madeiras do Brazil, occupava a area de 86^m, 46 de comprimento por 43^m, 12 de largura, tinha de altura 16^m, 75 e havia importado em 121:090$271 reis. A camara municipal, não sabemos porque rasão, tinha reservada para si a parte do edificio que dava para a rua do Arsenal e Terreiro do Paço, fazendo a entrada para repartições pelo portão de ferro que se acha debaixo da arcada e que hoje dá ingresso para a secretaria do ministerio do reino. Ao Banco havia ella alugado a parte dianteira do edificio, que dava para o largo do Pelourinho. Essa fachada era composta de tres corpos; o corpo central, era occupado por um grande portão de ferro que dava ingresso para o pateo — um pateo magnifico para onde entravam as carruagens. — Por cima achava-se a grande sacada do salão nobre, muito similhante áquella que hoje se vê sobre o Arco de Bandeira do lado do Rocio.

Como remate ao corpo central havia um pequeno frontão de cantaria, ao centro do qual o escudo das armas reaes portuguezas; no vertice a esphera armilar e sobre os angulos lateraes duas urnas de pedra artisticamente cinzeladas.

Cada um dos corpos lateraes tinha quatro andares com 17 janellas de cada lado; ao todo 34, sendo dez de sacada, no primeiro pavimento, e vinte de peitoril, que formavam o segundo e terceiro pisos; e as quatro mansardas, duas de cada lado.

Ao rez do chão as casas fortes onde se guardavam os valores do banco.

As salas, tanto no primeiro como no segundo piso, eram bastante espaçosas e muito apropriadas aos serviços bancarios Forradas de magnificos pannos de *arrás*, rasgadas por grande numero de janellas que as inundavam de luz e ar olhando umas para o largo, outras para a rua do Arsenal, essas salas davam não só excellentes acommodações ao movimento do banco, mas tambem a outras repartições, e designadamente á administração do contracto do tabaco, junta de juros etc.

Nas outras dependencias do edificio achavam-se installadas as companhias das Lezirias do Tejo e Sado, seguros Fidelidade etc.

Separadas por um estreito saguão, que corria ao longo, éste a oeste, havia os predios dos srs. duque de Palmella, baroneza da Folgoza e Santos Vahia, foreiros á camara municipal.

Rebentando subitamente, devido a causas que até hoje ficaram estranhas, o pavoroso incendio, na memoravel noite de 19 de novembro de 1863 que destruiu quasi todo o quarteirão de edificios no grande quadrilongo, que vimos de mencionar, o banco de Portugal não foi poupado por esse voraz incendio, que reduziu a cinzas em poucas horas valores enormes, calculados em mais de trezentos contos.

Felizmente para o Banco de Portugal — e por conseguinte para a nação — o fogo não poude penetrar nas casas fortes do edificio onde se achavam guardados — segundo o relatorio — não menos de 25:000 contos em moeda e outros valores.

Era então presidente do banco o abastado capitalista José Lourenço da Luz que, durante as derrocadas que se succediam a cada instante com horrivel fracasso, fez remover toda a mobilia (á excepção da mesa das sessões da vereação para o adro e sacristia da egreja de S. Julião, e — devemos confessar — parece que a providencia quiz n'este enorme desastre proteger o Banco e os milhares de familias que ficariam na miseria, porque devorando elle, o horrido monstro, com as suas fauces incendidas, a grande massa de edificios do enorme quadrilongo, quiz todavia poupar o primeiro andar do banco, onde se achava a thesouraria, que pouco soffreu, continuando portanto a effectuarem-se ali as operações bancarias e as reuniões da direcção até 1870.

Poucos dias depois do fatal sinistro — em 1 de dezembro, se não nos falha a memoria — reuniu-se assemblea geral á qual presidiu o sr. Simões Margiochi, decidindo-se, depois de alguma discussão, que se adquirisse para o banco uma casa que fosse exclusivamente sua e livre de inquilinos.

Tambem foi deliberado que se celebrasse na egreja de S. Julião, em acção de graças, um solemne *Te-Deum Laudamus* por terem escapado á acção do fogo todos os valores do banco, solemnidade que effectivamente se realisou no dia 8, com enorme concurso de povo.

*
* *

Cerca de quatro annos e meio depois do que acabamos de narrar, foi a direcção do banco de Portugal auctorisada a adquirir dois grandes predios, um que do lado O-N fazia quina para a rua Aurea e outro com frente para a mesma rua.

Essa auctorisação, que lhe havia sido dada em sessão de 26 de junho de 1868 foi desde logo satisfeita pela zelosa direcção, á testa da qual ainda se encontrava o deligente accionista José Lourenço da Luz.

Os predios foram comprados por escriptura publica de 11 de setembro ao sr. Reis e Vasconcellos por 66:034$960 réis. As referidas propriedades, reparações que n'ellas se fizeram para as apropriar ao fim a que ellas se destinavam, mobilia e diversos utensilios para as guarnecer, importaram ao banco — segundo os relatorios — na importante somma de 114:637$034 reis.

Em 21 de março de 1870 começou a effectuar-se a mudança ficando concluida em o domingo, 27.

Na segunda feira, 28, o Banco de Portugal abriu as portas da sua nova casa, começando o giro das suas operações n'aquelle excellente edificio, já devidamente resguardado por bons guardas-fogos dos predios que com elle confinam, inteiramente livre de inquilinos, e com vastas accommodações para funccionar, e optimas garantias de estabilidade e segurança.

O edificio actual em nada se parece com o palacio devorado pelo incendio de 1863. Forma como acabámos de dizer, todo o segundo quarteirão oeste, lado sul da rua Aurea, tornejando para as ruas dos Capellistas e S. Julião.

A sua configuração e altura são exactamente as mesmas de todos os outros quarteirões da rua Aurea. distinguindo se todavia d'elles pelo seu irreprehensivel aceio e solidez e por ter ao longo

UMA RECITA EM HONRA DE GERVASIO LOBATO

Grupo offerecido a Gervasio Lobato, na noite da sua festa no theatro do Gymnasio (29 de maio de 1891)

(Photographia de A. Bobone — Gravura de C. Alberto)

da fila de janellas do segundo piso em grandes lettras de metal bronzeado o distico : = BANCO DE PORTUGAL. = E' composto de quatro andares, tendo cada andar quatro janellas para a rua dos Capellistas, onze para a rua do Ouro e dez para a rua de S. Julião.

A entrada principal faz-se pelo lado da rua dos Capellistas por um pequeno portão de ferro solidamente gradeado. Para o lado da rua de S. Julião ha outra porta, tambem de ferro, qne dá serventia para as trazeiras do edificio.

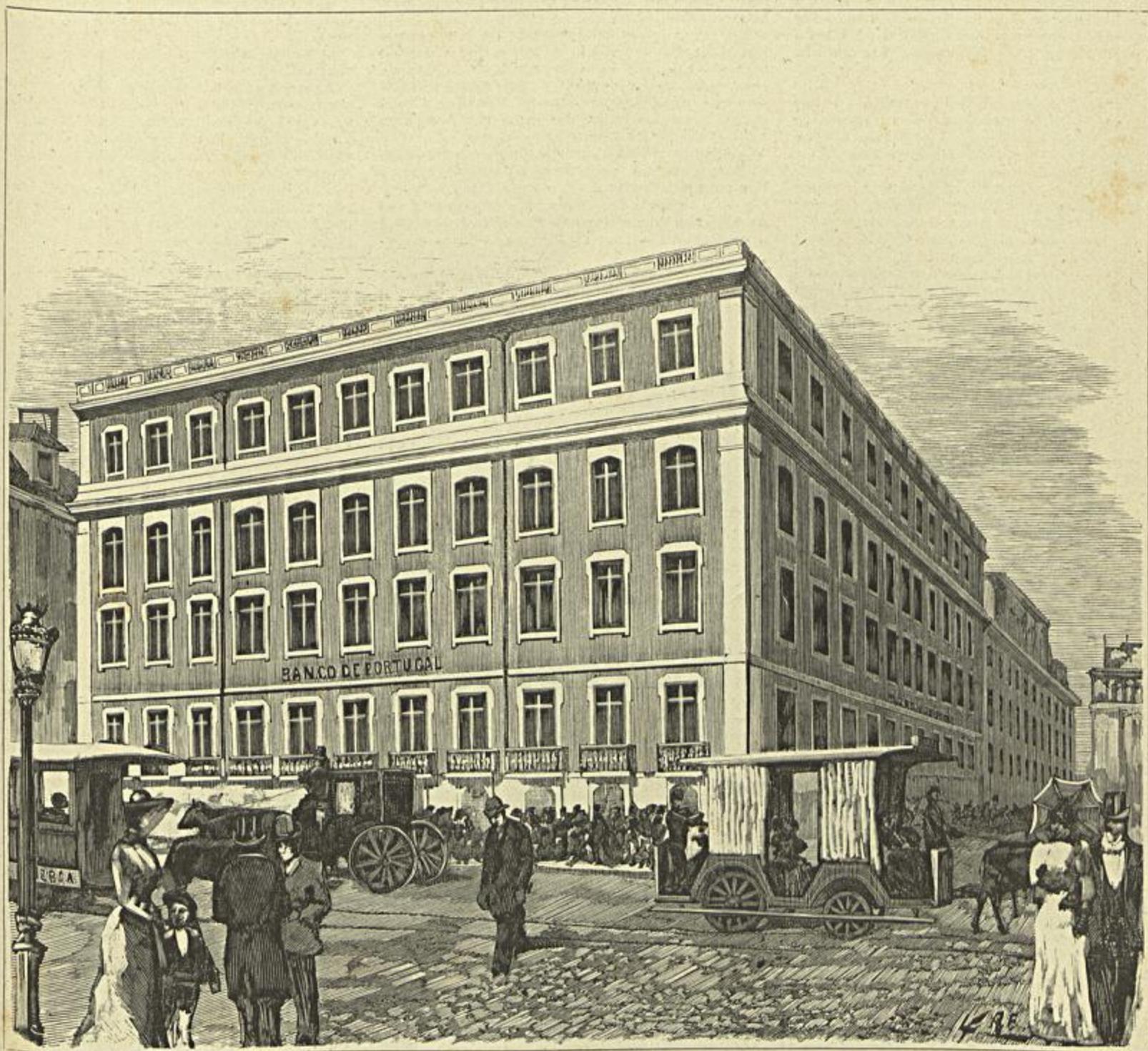
Ultimamente pouco depois da lei de 29 de julho como a de 1846, nem tão longa e dolorosa como a de 1876.

O Banco de Portugal tem recursos formidaveis, vastissimos, para poder luctar e resistir a uma crise monetaria tanto ou mais do que o seu hoje competidor, e digno emulo, o Monte Pio Geral, casa sem duvida mais feliz porque não serve de *caixa forte* ao governo e não lhe faz supprimentos senão... quando muito bem quer e tem na sua livre vontade, o que nem sempre tem acontecido ao Banco de Portugal.

Mas este ainda mesmo por se tornar o banqueiro nos dominou — e que constituiu o nosso maior perigo — jaz quasi que dominado.

Haja pois muito tino, muita prudencia e muita energia e em breve a bonança succederá a esses dias tormentosos, e de negra memoria, que ultimamente a nação tem atravessado.

Para que o estado economico e financeiro de Portugal se levante e prospere é precisa a cooperação de todos os bons portuguezes, mas tambem é preciso — muito principalmente — o bom tino administrativo dos nossos governantes.

Silva Pereira.

EDIFICIO DO BANCO DE PORTUGAL, EM LISBOA

(Desenho do natural por L. Freire)

de 1887 que reorganisou o Banco de Portugal, o edificio foi ampliado para o lado da rua de S. Julião com o predio n.os 175 a 181 que lhe era confinante, e para a rua Nova d'Elrei com o predio n.os 160 a 164, que confina com o banco de Lisboa & Açores. Essas novas propriedades compradas á viuva do dr. Augusto Zepherino Rodrigues custaram ao banco a somma de 61:416:548 reis.

* * *

Fechamos este artigo que já vae mais extenso do que ao principio suppunhamos, desejando as maiores prosperidades a este utillissimo estabelecimento de credito nacional, que está passando por mais uma nova crise, e que tem todos os fundamentos para esperarmos não seja tão funesta do Estado é que mais póde resistir. Morto elle a nação morrerá tambem. Não havendo precipitação, estabelecendo-se medidas sabias, previdentes e bem dirigidas, tanto por parte da direcção como do governo — devendo uma d'ellas, a nosso ver, ser a substituição immedita das notas de grande padrão pelas de 1:000 e 2:000 reis afim de facilitar os trocos — havendo a indispensavel serenidade, a devida prudencia e cautela que nunca nos devem desamparar nos grandes perigos para os conjurar, o banco de Portugal voltará brevemente ao seu estado normal.

Um dos males que ia minando o nosso credito interno — a negregada questão com a Inglaterra — acha-se sanado. O cambio de papel entre o Brazil e a praça de Londres com tendencias para a alta e finalmente o panico, que por momentos

PAGINAS SOLTAS

IMPRESSÕES A LAPIS

—

Leitosa e em ouro a manhã cantava epithalamios, fresca e simples, enchendo a paysagem de fremitos, espiritualisante e vaga. Pouco a pouco um tom de carne nimbou o nascente ; as aves levantaram-se aturdidas, as ameixoeiras abanavam ao vento matutino. Vesperal e pallida uma estrella morria, e um crescente tusco de lua, pallido tambem do relento e das balladas dos poetas, abria em prata no grande pavilhão somnambulo do ar... Eu scismava na que me ficára longe. O comboio corria ; as arvores dansavam.

O meu *couvre-pieds* piedoso agasalhava-me os joelhos; e colorindo a vegetação orvalhada, o sol resplendia n'um diadema rico sobre um cerro nu tonalisado de ambar.

— Ora muito bom dia!

— Muito bom dia...

Foi o meu cumprimento para o visinho do canto, que defrontava comigo. Conversáramos muito antes de adormecer. Era um rapaz alto e magro. Tinha-me contado, quando o comboio ia em marcha, a não ser ouvido pelos outros, casos da sua vida bohemia, onde lampejava, quando a quando, uma nota sympathica de coração. Eu tinha uma ideia... Onde diabo o vira eu? N'um *foyer* de theatro, discutindo operas, n'um café grazinando politica e lettras, n'alguma casa de rua escura e erma?... De quando a vez, feito silencio, o seu bigodito negro arripiava n'um sorriso triste, e abria um livro de Bourget — *Mensonges*. Lia minutos e reatava conversa.

— Que frio!

Eu tirava então os olhos do exterior — largas planacies geadas, já muito luminosas, placidas e bucolicas. Um fundo de montanhas, um retalho de bosque sem folhas, como um idyllio morto.

— Horrivel, meu amigo, horrivel.

O certo é que eu reconhecera n'aquelle rapaz franco, delicado sem galanterias, alguma coisa de romanesco, ou fosse do meu estado impressionado e saudoso, preso da molle nostalgia do *adeus!* ou fosse do destaque rutilo da sua figura no meio boçal e dinheiroso dos outros companheiros de viagem. Os olhos largos, quasi religiosos, eram d'um negro mythico, indiano; a fronte eborisava-se na meia-tinta do compartimento, e em todo o seu busto fluctuava uma *nuance* verde da cortina corrida... Offereci lhe *cigarrettes*; accendi depois. Havia um espreguiçamento mollengo em todos. Excepto nós e um velho de oleographia — queixo saliente, oculos azues, barrete — do outro canto, tudo dormitava ainda na bemaventurança sadia dos bons estomagos. Todavia era o instante em que o somno abala á primeira coisa que roce no ouvido

— Irra, meus senhores, parece que estou em Traz-os-Montos. Não me lembro de coisa assim! Pois, senhores, tenho rapado um frio estes dias! Qual Bragança!

Era um padre, moço ainda, arripiado, esfregando os olhos, d'uma pronuncia dura, aspera, emgume, que se dirigia aos acordados. Ficava do meu lado, no outro canto, em *vis-à-vis* com o velho.

A voz d'elle foi como um toque de alvorada: foram-se abrindo bocas, uma apos outra, mecanicamente; depois espreguiçaram-se disfarçados — *anh! Uf!* — e em pouco, passava a mão pela testa, bem abertos os olhos vendo o ceu limpo:

— Bonito dia.

— Oh! mas que frio! Buff!

Fez-se uma atmosphera de fumo alvadio: todos conversavam despertos, a alma fresca e lavada no claro da manhã, um tudo — nada lyrica e versatil.

Eramos todos homens. Além dos quatro mencionados, tomavam os logares centraes quatro burguezes que formavam grupo, centerraneos talvez, que iam ao Natal, ás filhós loirejantes, ás rabanadas ricas, talvez de longe, sem verem de ha muito a sua gente, o canto do olho humido, todos lamechas ao subirem as escadas altas dos pateos do solar. Falavam em coisas do Minho, restrictamente, d'um só logar e todos se interessavam por certo nos mesmos gostos, todos quatro appellavam para os mesmos personagens quando era apontado um erro da Camara...

— Um pulha!

— Veja você aquella scena com a irmã ..

— Unica! só a cacete, esborrachal-o-terminava o mais fogoso, de matacões castanhos, ferozes.

O comboio parou n'uma estação. Os dialogos cessaram, como receiosos, esperando cada um de novo o arruido do andamento. Empregados tiritantes gingavam na *gare*.

— Que é aqui? — perguntou o velho.

O padre illucidou terminando: — optimas maçãs, muito boas maçãs, e fazem d'ellas uma marmellada primorosa... O velho abanou com appetite a cabeça, sorrindo, e a ponta da lingoa circumdou o beiço superior, lambão.

Seguiamos já. De novo a paysagem exparsa, d'uma grande ventura pacifica de ecloga, d'um frio secco, pedindo cama, doçura de *ménage*, labios quentes.

O velho e o padre conversavam, irridentes: os quatro do meio discutiam agora o administrador — um patife; e de novo o meu vizinho encadeou o dialago.

— Mas, a respeito d'aquillo que lhe disse, d'aquella rapariga, da Lelia...

— Ah! disse eu, relacionando me com a noite passada — bem sei! Estava agora a ver o que o sr. me tinha dito — Que foi feito d'ella?

— Suicidou se com phosphoros. Veja que louca...

Nós fallavamos a meia voz; os outros agora barulhavam accesos — um patife, senhores — explodia o dos matacões ferozes.

O padre e o velho estavam boquiabertos.

O padre nunca tinha ouvido um chorrilho tão descarado de obscenidades como agora.

O dos matacões chispava. «Um burro, com licença, um burro! Era a cacete.»

Parece que trazia todo um diccionario de palavrões para escandalisar o sacerdote.

— Pois suicidou-se, continuava o meu amigo, — nós já eramos amigos — e era uma boa pequena, honesta, afinal...

E o certo é, que, emquanto eu lhe ouvia as palavras sentidas a respeito da Lelia, que elle certo amára — rapariga de historia dubia, fugida de casa, perdida e esfomeada depois, rota e vendida — a voz tremia-lhe um pouco, e na face pallida auroreou um vislumbre de sangue. Eu tive então mais empenho de saber quem ella era.

— Era uma hysterica... Olhe, eu depois conto-lhe: devemos encontrar-nos, não é assim? Faz-me saudades, incommoda me. Serei eu afinal tão tolo como ella? — E o rapaz torcia as guias do bigodito negro, a mão tremula. Depois olhava as *Mensonges* — e sorria d'um modo unico, esverdinhado.

— Não me venha o sr. com isso! não me venha o sr. com isso! dizia o dos matacões para o padre, que se intromettera. — E' um homem sem dignidade — aquella historia da irmã...

— Mas devem-se-lhe alguns beneficios, segundo me consta, arriscava o padre muito escanhoado, muito azulada a face: — o largo foi obra d'elle, e o hospital! Olhe que o hospital é de primeiro cartel, coisa muito acabada, não ha por ali coisa assim, nem lá p'ra Traz os Montes. E muito aceio.

— Qual hospital nem meio hospital! Uma figa! Isso devemol-o nós ao outro, que não a elle. O Vaz foi...

— Não, isso tem pac encia, encalhava um fronteiro, patricio, reçumando saude, cara gorda, olho garoto, pança: — foi a elle, lá isso foi a elle....

— Não paga o que tem roubado.

— Mas é a elle que se deve .. arrastava o roliço.

— Mas foi a elle! concluia o padre, glorioso da victoria, arrotando irreverente.

— Olhem: por favor não me fallem mais n'esse homem!

E o dos matacões encostou a cabeça para traz, ao estofo, carregou o sobr'olho e poz-se a olhar «as vistas» como elle dizia.

— O mar, lá está o mar, fez o padre. Todos olhamos. Longe, agora, no viez do occidente arulejava uma lamina zincada. Para lá a paysagem era rasa, com pinhaes esparsos, verdenegros hirtos na claridade crua.

— Olhe d'aqui que bonito, disse-me o meu amigo.

Olhei: um logarejo sadio e branco, uma aldeola a distancia, com hortas, onde haveria quiçá um reitor frascario, piscando ás cachopas nos dias fartos de procissão e festa. As raparigas deviam ser bonitas, por uma que eu vi mirando o comboio, a saia ensacada, o cabello rufo castanho sob um lenco em touca côr de vinho e branco. Dizia adeus com a mão, muito canalha; fazia troça irritante, e eu lembrei-me então de toda a doce pastoral antiga, sob um ceu da Italia, tocando avenas e desflorando tunicas...

— Eh lá!

Era um garoto, com o *bonet* na mão, acenando, guinchando, obscenando. Um cão ladrava á porta d'um casal. Voavam pombas.

— E' tam bonito e tam simples, disse-me elle.

— E'; parece um trecho de Wattean, no inverno.

— Pois eu, como já lhe disse, não saio tam cedo de casa. Lá esperam me para o Natal: vou. E' o que me resta. A minha vida tem sido uma peripecia infeliz e infinita, um desabar de phantasias.

Os outros, completamente separados do nosso cavaco, riam libidinosos d'uma historieta do velho, em carne viva.

— Arre, garota! fazia o dos matacões, a pupilla em braza. E' das minhas. Upa! upa!

— Baboso... cantava o roliço, mellifluo. Ah! ah! ah! estoirava uma gargalhada unisona.

— De resto olhe, dizia me o rapaz em confidencia, inclinado para mim, como se nos conhecessemos de muitos annos — isto acaba depois de me acabar a mim. Eu sou excessivamente impressionavel, não imagina. Esta rapariga foi o meu primeiro affecto. Conhecia-assim e espalmava a mão em pouca altura — e era tolo por ella. Um dia, allucinada... talvez, quem sabe lá? — ella era uma hysterica — desappareceu com um homem. Indaguei-lhe o paradeiro; isso demorou-me dias. Depois soube onde estava, procurei a, vi a, perdoei-lhe, disse-lhe que viesse, que voltasse, que tudo teria remedio... Que sim, que no dia seguinte viria. Procurei-a no dia seguinte... tinha-se envenenado com phosphoros. Afinal era bem honesta e bem louca!

E agora veja como ando, como eu vivo...

— Oh! oh! deu com elles? exaltava o dos matacões. E era todo riso, satisfação devassa, olhando em torno, necessitado de escandalo. O velhote alegre, movendo muito a cabeça.

— Sim, senhor, um chinfrim.

— Uma tola, eu não te dizia fez o dos matacões para o ventrudo da frente frascario e feliz — uma...

O outro, contrafeito, mordia o beiço córado, roliço...

Agora o mar ficava perto, d'um azul cobalto, petilhando, sob uma tampa infindavel de ceu religiosa e limpida. Em toda a costa avistada, d'um loiro — estriga, corria um debrum de espuma, de vaga em vaga. Presentia-se um cheiro acre de sargaço, de algas. Gaivotas bicavam á flôr d'agua: havia uma saturnal feerica de luz, de reflexos, uma tonalidade loira, muito macia, noivando a alma. Fundo, uma vela voava. Eu recordava Richepin nas «Litanias do mar».

— Estou quasi, fez o padre.

— Então fica por aqui?

— Não ha remedio...

Paráramos.

— Abre lá isso.

— Quer que lhe leve a malinha, freguez?

— Toma lá. Meus senhores, dirigindo-se a todos — padre Carvalho, p'ra o que quizerem.

— Muito obrigado, lançou o dos matacões. O Silva, mande-me, o Silva — O *Cangirão* — seu cunhado sabe muito bem, de lhe um abraço. E elle como vae? sempre scismatico?

— Enrijou obrigado, agora enrijou... e fechando a portinhola:

— Meus senhores, com licença.

Nós abaixamos a cabeça.

— E' uma bisca, atreveu o velho, e deu uma assobiadella.

— Boa! — murmuraram em côro. O *Cangirão*: mas franco, lá isso! A gente vae a casa d'elle, muito vinho, fructas, doce de ginja...

— E a rapariga?

— Não apparece. Vem sempre o creado. Muita abundancia...

— E nós tambem agora pouco falta, disse-me passando a mão pelos olhos, tedioso, o rapaz alto

— Sim, tres estações creio eu.

— Safa, que massada!

— Bourget, não? fiz eu, apontando-lhe o livro.

E'; eu gosto mais de poetas mas não tinha ainda, lido isto.

— Ah! gosta de poetas?

— Bastante, e faço mesmo qualquer coisita.

— Lembra-se? adiantei eu.

— Deixe me ver se recomponho um soneto á rapariga: é elegiaco.

Eu fiz-me todo attenções, muito interessado. Elle, lento, passando a mão pela testa, cruzando a perna, disse um bocadinho cantado:

«Estrella de alva, que fugiste breve.»

Eu relanceei o olhar de soslaio. Os nossos companheiros estavam todos attentos, de ouvido em aza.

«Para que ceu partiste ..»

Tremia-lhes a voz; parou, não se lembrava. O roliço tocava com o pé no *Cangirão*, troçante. Não se recordava do resto, depois.

— Bonito, muito sentido.

— E' innegavel que o são. E' o que têm. Foram feitos á Lelia, confidenciou.

— Sim, presumi isso Via se.

— Para mim a poesia é isto — o sentimento. Eu sei todo o Soares de Passos, uma delicia!

— Anh?! — o diabo do barulho...

— P'ra mim a poesia que é — o sentimento, e fazia um vôo com as mãos.

— Ah! com certeza, — o sentimento, terminei eu.

Elle caiu pensativo, amarfanhado, babado de lyrismo, os olhos fixos n'um ponto do tapete. E não sei porque, deslisantemente, unctuosamente, começou a passar na minh'alma, riscando-a de luz, um perfil amado e saudoso, como os da Hellade, d'um resplendor astral, em marmore branco, cobrindo-me de Lua. Lembrei-me então, mais fundo e mais triste, que algum fio intangivel me prendia longe, para traz, debaixo d'uma nesga de ceu limpo, com muito sol agora, talvez com muita alegria agora Uma flôr que eu plantei deveria murchar n'um vaso, o canario deveria cantar; cor-

reria uma paz tepida em toda a casa, que me emballava n'uma onda sympatica de affagos...

Todos iamos calados. O *Cangirão* lia um jornal de Lisboa. O velho e os outros sugavam cigarros, esfregando as mãos de quando a quando, tossicando, friorentos.

— Irra, que isto não se escreve. Ninguem respondera; o comboio afrouxava, rouquejando um apito.

— Bem dada! continuava o outro lendo. Ninguem fallára ainda, ninguem quiz saber de que se tratava; parece que uma mesma absessão nos apanhára a todos E quanto mais perto estavamos do termo da viagem, tanta mais tristeza se esbatia nos rostos, como uma aza parda que os roçasse, agoireira. Puz-me então a ver a physionomia do velho: encarquilhada, d'um erotismo apagado, rebentando agora em anedotas ao léo, era a unica tranquilla e limpida, sem nuvens, olhando o trajecto camperino, como se a sua vida tivesse sido uma alea edenica ou se tivesse extinguido já a consciencia cançada O caso é que os seus olhos côr de tabaco tinham uma faguilha viva, toda absorvida no exterior, molhados na luz. De momentos, corria-nos a todos, espreitando, velhaco e ligeiro, sem palavra. Algumas vezes me encontrei com os seus olhos: e immediatamente elle voltava á posição primeira, movendo o beiço saliente e grosso, como quem engole, depois continuando a mamar no cigarro. Eu pensei então como tudo se acaba,, tudo que os annos apagam da alma, como uma esponja presto extingue os caracteres alvos d'uma ardosia Este velho, femeeiro e vivo, talvez ex morgado, um *charmeur* talvez das lareiras provincianas, historietando escandalosinhos e bregeirices fradescas, a quem faltava, o simonte e o Alcobaça para mostrar ás raparigas a figura torpe e ao vivo da caixa de rapé, certo que tivera outr'ora amor e odio, chorou e riu, estorcegou-se nas furias canibalescas d'um devasso — oh! lia-se-lhe bem na cara! — atestara-se de inveja, ennovellara a alma em sangue, cuspira escarneos á vida, escarrára nas coisas mais purificadas. E tudo se fôra, a ficar tam sómente uma nodoa tenue. Jurou amor, pleno do fogo que o escaldava, que lhe lambia o cerebro: d'esse amor resta um nome; depois vieram outros e outros ainda. Jurou matar um homem, rival talvez, e jurou-o convicto: depois riu se de si E de toda a sua vida rebolada entre embates e embates, esvurmando peçonha, planeando desflorações e crimesinhos, fica, ao cabo da jornada, um velho risonho, impassivel e frio, sem martyrios e sem culpas.

No seu rosto fizeram se duas rugas fundas, e na boca passou-lhe um sorriso fugitivo e vago

De que diabo se lembraria o velho?

— Então? disse eu batendo uma palmada na coxa do meu amigo, que é isso?

— O inferno, meu caro, o inferno.

Eu fixei o velho.

— Deixe-se de isso, tudo passa; felizmente tudo passa: ama se e odeia se, ha vontade de morrer e até de matar, fazem-se rapaziadas dos diabos e no fim tudo se esvae, tudo se enterra...

O velho fitou-me investigando-me no fundo. Modou: apagou-se lhe o sorriso, pregou os olhos n'um ponto. Avivar-se-lhe-ia uma saudade? vermelhejaria um pequenino crime? ouviria soluços? sentiria a lava d um beijo?

— Não, meu amigo, ha de levar-me á cova, murmurou me. Nunca se acabará esta paixão. Ha de ver-lhe o desfecho...

— Não seja creança, não pense n'isso. Tudo se interra com os annos, verá.

O velho não me largava. Desconfiado! Creio que não, desperto.

— Preparar. armas! — gritou, levantando-se o *Cangirão*. Estamos a chegar. Que frio! — e fazia chiar os beiços, sorvendo ar.

Todos nos levantamos, aos poucos, apertando as correias d'uma mala, enrolando um *couvre-pieds* tirando um embrulho da rede, guardando os *bonets* da viagem Tiuham se entrado as agulhas Já perto ficava a estação termo, com borborinho, barulho do comboio sobre placas, berraria, apitos de locomotivas. Soh a *marquise* o comboio parou la um *bronhaha* festivo O sol fulvo e doce batia nos metaes das carruagens. Uma sineta dava um signal. Homens de *bonet* corriam tirando bagagens, desengatando wagons. Correctores sympathicos offereciam hoteis; carregadores pegavam em malas, serviçaes, muito cortezes; uns poucos de garotos, vendedores d'um comboio a partir com passageiros ás portinholas sentindo uma emoção contraria á nossa, inculcavam jornaes, livrinhos em *chagrin*, com photographias, romances p'ra a chusma com estampas e assassinos.

Despedimo-nos. O *Cangirão*... berrava purpurio, por um homem «um homem que quizesse ganhar dinheiro, parecia impossivel!»

O rapaz alto ficava. Tinha de continuar ainda viagem, n'outra comboio. Demo-nos um abraço. Trocamos os cartões.

— Não seja creança, subjugue-se e anime-se.

— Ha de ver, agora é a cova.

....

Eu segui n'uma victoria, contente da luz, bem n'aquelle frio leve de meio-dia. O casario da cidade caiado, faiscando, fallava me de dias passados, de recordações desabrochadas. Havia alguma coisa em mim de extranho, vontade de abraçar os meus, — de ver as minhas pombas e as minhas arvores Havia tempo que eu não viera a casa. Uma fachada amiga, emocionava-me, tinha vontade de ver alguem á janella, de lhe dizer adeus. Algum conhecido que passava fazia me voltar no carro, acenar lhe com a mão effusivo, familiar. Achava de vez em quando aspectos novos, coisas ineditas, e quasi tudo me movia, n'aquelle dia hiemal, sem vento, d'um azul de esmalte. Uma esquina de rua, uma loja alegre com mulheres, um café conhecido, davam-me saudades d'uma cavaqueira espirituosa com amigos, galharda e vivida, havia dois annos.

— Oh Toy!

— Viva! Olha quem elle é!

E passava-me n'alma um riso que escorria nos labios.

Iamos subindo já a minha calçada. Corria uma pacatez provinciana e doce em todas as casas do meu bairro. Um piano chorava uma valsa de opera, lenta e amorosa — e a musica evocou-me um sonho, certos olhos negros brilharam, chamavam-me do largo. A valsa continuava a gemer, e uma silhouette acenava me ao fundo, simples e minha amiga alta e meiga como uma palmeira da India n'um retalho de ceu do outomno. Estava todo cheio d'ella agora, d ella cariciosa e bondosa, n'uma quasi vontade de voltar.

— Prompto, patrãosinho.

— Toma lá.

A victoria voltou devagar pela calçada, para buscar outro — justamente como nós que andamos, como a tipoia buscando e deixando umas aspirações uns amores e um sonho.

....

Julio Brandão.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

VIII

OS PAES ADOPTIVOS

A aldeia de Baleizão fica sobre uma pequena ribeira affluente do rio Cardeira, a meia legua a oeste da margem direita do Guadiana, na estrada de Cuba para Serpa. Tem tambem estradas para Vidigueira e Portel e para Beja, d'onde dista quatorze kilometros.

A *Cigarra* galgou esta distancia em pouco mais de duas horas, o que é o mesmo que dizer não serem ainda nove da manhã, quando Pedro Miguel parava á porta de sua casa.

Ao conhecer o trote da egua, Genoveva, a mulher de Pedro, viera esperal-o, e ía para soltar uma retumbante exclamação de surpreza, quando este se antecipou fazendo-lhe signal para que se calasse.

— Pega-lhe com geito para que não acorde, observou Pedro Miguel. Depois te explicarei tudo.

No dia seguinte o filho de Anninhas era dado a crear a uma mulher da aldeia, que tambem por aquelle tempo amamentava um filhinho de mezes; e ao fim de oito dias recebia o nome de Emilio na pia baptismal da freguezia, servindo Pedro Miguel de padrinho e Genoveva de madrinha.

Foi depois de cumpridos os preceitos da egreja que Emilio voltou definitivamente para casa da mulher destinada a amamental-o.

Succederam-se os mezes; ao fim de dois annos Pedro Miguel e Genoveva vendo que apezar de todas as pesquizas não conseguiam encontrar os paes de Emilio, e que portanto lhes fugia pelos dedos o ensejo de tentarem uma exploração que lhes poderia render alguns contos de reis, já pouco ou nenhum caso faziam do pequeno e até iam rareando o pagamento das mesadas.

Começou então a desconfiança a apoderar se do espirito dos camponezes em casa de quem estava Emilio.

Alguma cousa queria dizer o já não irem tão insistentemente recommendar que nada faltasse ao pequeno, e como os verdadeiros interessados não appareciam, e teimavam em que Emilio continuasse a estar com elles, apesar de já ter concluido a sua amamentação e ainda atrazando as mezadas systhematicamente, a roupa começou a deixar de ser tratada com a costumada solicitude e a comida foi-se tornando peior e mais rara.

Assim foram as cousas caminhando e chegaram a tal ponto, que quando Emilio chorava com fome davam-lhe tratos brutaes. No corpo do filho de Anninhas haviam vestigios evidentes dos soccos, dos beliscões e dos pontapés com que o mimoseavam diariamente.

Tão escandaloso se tornou o procedimento dos camponezes que Pedro Miguel não teve outro remedio senão ir buscar o pequeno para casa, desculpando-se com o mau tratamento que tinham dado a Emilio para não pagar as quinze mezadas que devia.

Quando o filho de Anninhas completou seis annos, a sua apparencia era de tal forma enfezada e doentia, que todos lhe davam de menos um ou dois annos.

Ao contrario das outras creanças sempre descuidadas e alegres a Emilio ninguem via rir.

Parecia que os traços de soffrimento que tinha no rosto lhe haviam aberto sulcos profundos no coração.

Cavadas as faces pallidas, largas manchas escuras a sombrear-lhe os olhos, cabeça inclinada para o peito, tal era o aspecto sombrio d'esta creança em quem n'aquelle tom meditativo, se advinhava uma bella intelligencia

Com a vinda para casa de seus paes adoptivos pouco melhorou a sua sorte.

Genoveva e Pedro Miguel batiam-lhe pela cousa mais insignificante; nunca dispensando-lhe de seus labios uma palavra de amisade ou de carinho.

Tratavam-n'o pelo *engeitado*, com tal ironia e tal despreso, que elle mal comprehendendo o valor verdadeiro d'aquelle epitheto, sentia as faces afogueadas por muito tempo, como se em vez de sangue fosse metal candente o liquido que lhe girava nas arterias.

Todos da visinhança o olhavam com despreso; os cães ladravam-lhe, os outros rapazes afastavam-se quando o viam, ou paravam os brinquedos quando elle se approximava, mostrando-lhe modos desconfiados e bruscos

Emilio tornou-se por isso insociavel. Era sempre só que ia dar os seus passeios; e quer vagueasse p'los campos ao acaso quer se entretivesse pescando nas virentes margens do rio Cardeira, ninguem tinha sido até então capaz de lhe descobrir um companheiro.

Ai! porem d'elle se apparecia em casa com os calções rotos ou com os pés, que trazia descalços, golpeados pelos schistos das montanhas, por que era isso o bastante ensejo para a applicação de violentos correctivos.

Quando Pedro Miguel calculou que Emilio devia ter os seus sete annos resolveu empregal-o n'um officio, porque, dizia o *bom* do homem, apezar de ter alguns bens de fortuna não tinha que dar a mandriões.

Elle trabalhava, era preciso que os demais trabalhassem tambem. Tinha-lhe custado muito a arranjar um pedaço de pão para a velhice, não era para que os outros lh'o viessem comer assim sem mais nem mais. Trouxera Emilio, que encontrara exposto nos degraus d'uma egreja por um sentimento de caridade, mas tudo que até ali tinha gasto com elle achavasse no direito de lh'o exigir. Emilio aprenderia um officio qualquer e trabalharia para elle. Todo o dinheiro que de futuro ganhasse era d'elle, tinha-o creado.

Foi n'estas intenções que Pedro procurou o sr. abbade, conselheiro obrigado nos passos da vida mais solemnes.

— Então o que o traz por cá Pedro Miguel?

— Uma cousa importante...

— Trata-se do Emilio, aposto?

— Exactamente.. Já tem os seus sete annos completos, e vae depois, anda para ahi a estragar-se sem ter em que se empregue. Como o outro que diz, sr. abbade, eu já estou farto de o sustentar sem que d'isso aproveite cousa alguma. Comquanto não despenda muito, por não ser homem de teres, comtudo sempre é mais uma bocca e isso com o vestuario dão uma continha calada no fim do anno.

— E' justo, é justo *seu* Pedro Miguel... Um homem de trabalho precisa de ter quem o ajude e não quem lhe gaste o que tanto lhe custa a ganhar.. Pretende então pol-o a algum officio?

— Eram esses os meus desejos sr. abbade...

— E o rapaz sabe ler e escrever?

— Qual, aquillo é uma cabeça de burro, com perdão do sr. abbade. Tenho feito a deligencia para lhe ensinar o mesmo pouco que sei, mas qual... aquillo é terreno para mato, e não ha araveca que entre com elle.

— Porque não o manda para Beja?... N'uma

cidade é sempre mais facil encontrar onde arrumar o rapaz.

— Prefiro tel-o debaixo das vistas... Pode de um momento para o outro apparecer quem o reclame, e eu desejo que quem o fizer tenha o testemunho de quantos sacrificios, eu e a minha Genoveva, fomos capazes, para que elle chegasse a esta idade com vida e gozando uma saude de ferro. Elle ahi está que não me deixará mentir... As nossas melhores roupas têem sido gastas com elle, assim como tambem da nossa mesa são sempre para elle os melhores boccados.

— Deus ha de ajudal-o, volveu o abbade. A acção é devéras meritoria... Emilio encontrou em si e em sua mulher, não dois paes adoptivos, indifferentes e mercenarios, mas dois verdadeiros e carinhosos paes. Elle ha de reconhecel-o um dia e delingenciar recompensal-os.

— Ora adeus sr. abbade, nós não esperamos cousa nenhuma, tudo que temos feito é para purificação das nossas almas... A minha Genoveva é que já está cançada das suas travessuras, porque o rapaz é mau como os diabos..

—Rapazes são todos o mesmo...

— Uns peiores que outros, sr. abbade. . e aquelle parece que é da peior raça. . Se continuar por ahi a andar á vontade e a fazer tudo que lhe vier á cabeça, eu sei lá, é até capaz de praticar alguma asneira. .

— Que asneira?

— Se não tomar emenda e com os instinctos que lhe advinho é capaz até de dar em ladrão ou matador.

— Oh! creatura de Deus, você está a pintar o rapaz com umas côres assustadoras... O Emilio que parece tão humilde, tão acanhado.. Ora isso *seu* Pedro Miguel é por força exagero da sua parte... Traga-m'o cá ámanhã e veremos o que se resolve.

Ao outro dia Pedro Miguel levou Emilio a casa do abbade e ficou combinado que o rapaz entraria como criado ao serviço d'este, no cargo de guardador de gado.

Mal rompia a manhã Emilio partia com o rebanho para os lados de Pedrogão ou de Villa Ruiva, levando n'um pequeno alforge o alimento para todo o dia.

Quando caía o crepusculo reunia o gado e elle ahi voltava para Baleizão. A' porta do curral encontrava o abbade que vinha contar se as cabeças do seu rebanho estavam todas.

Emilio recolhia então o gado, ia cear e dirigiase depois ao gabinete do sr. abbade onde este passava uma hora com elle, durante os dias da semana, ensinando-lhe a lêr e explicando-lhe algumas passagens do evangelho.

Emilio julgava-se agora mais feliz.

O bom do abbade nunca tinha para elle uma palavra de censura.

A alimentação era boa e farta, e até a cama era excellente e com bellos lençoes de linho novos em folha, o que os tornava um pouco asperos, é verdade, mas muito mais preferivel do que dormir como em casa de seus paes adoptivos onde só tinha uma manta de lã aspera em cima da pelle.

O abbade notara que ao contrario do que dissera Pedro Miguel, Emilio era humilde, socegado prompto sempre a cumprir tudo que lhe ordenavam.

O que elle tinha agora era mais alegria á medida que as profundas olheiras se desvaneciam e as faces se lhe iam collorindo.

No estudo eram sobremaneira visiveis os seus progressos. Em tres mezes Emilio lia desembaraçadamente.

O bom do abbade dizia muitas vezes comsigo:

— Vá lá a gente dar credito ao que se diz... Parece-me que se alguem tinha direito a queixar-se era Emilio e não Pedro Miguel... Ora elle que não o faz é porque sempre os seus sentimentos são melhores.

Julio Rocha.

(Continúa)

REVISTA POLITICA

São tantas as novidades da politica n'estes ultimos dias que não sabemos por onde principiar, para que não se pense que temos preferencias por uma ou por outra que seja melhor ou seja peior, segundo os paladares de cada um.

Uma d'essas novidades, está para ahi promovendo grandes amargos de bocca a muitos, emquanto outros a saboreiam como coisa boa ha muito encommendada e esperada pela opinião publica.

E é sempre assim o mundo; bom para uns mau para outros.

Mas, como iamos dizendo, essa novidade é o projecto da lei de meios, apresentado ao parlamento pelo sr. Marianno de Carvalho, com os seus dois artigos e trinta e tres paragraphos que a mesma lei contém.

E é tanto novidade por ser uma lei com artigos

CONSELHEIRO ANTONIO ENNES

Commissario Regio na provincia de Moçambique para a delimitação das nossas fronteiras segundo o tratado anglo-portuguez

de menos e paragraphos de mais, como por conter auctorisações que estão custando a roer a quem tem muito bom dente.

Os paragraphos 26 e 27, por exemplo, são uns dos taes que mais custam a roer aos que mais afiados teem os dentes. Estes paragraphos determinam que em caso nenhum qualquer funccionario do estado por mais empregos, commissões ou outros quaesquer serviços extraorolnarios que accumule, poderá receber do thesouro publico mais de 2:600$000 annuaes. O paragrapho seguinte determina que nenhum emprego que vague poderá ser preenchido por individuos extranhos aos quadros dos serviços publicos, emquanto houverem empregados addidos na classe em que se der a vacatura, etc.

O paragrapho 24 determina que a partir de 1 de julho proximo, cessem todos os abonos para publicações litterarias, artisticas ou scientificas, tanto no que respeita á impressão das mesmas como á remuneração dos seus auctores, etc.

E assim por diante, em todos os mais paragraphos, no sentido de cortar despezas e abuzos sobre tudo, porque essas despezas são em geral, resultado de abuzos sem o mais leve proveito para os serviços publicos.

Isto na parte que diz respeito ás despezas; quanto ás receitas tambem tem em vista o seu augmento, apresentando entre outras medidas os monopolios dos phosphoros e dos alcools, tendo sido ainda addicionado na commissão o monopolio das loterias ou exploração das mesmas por conta do estado.

Nas actuaes circumstancias, todas as medidas contidas na lei de meios, teem sido bem recebidas pelo publico, porque emfim tendem a equilibrar o orçamento e a extinguir o deficit, mas do projecto á pratica é que são ellas.

A imprensa tem, em geral apoiado o projecto, mas alguns jornaes, em especial, teem procurado desvirtuar as intenções do mesmo projecto e sem terem coragem para o combater abertamente no que toca aos funccionarios do estado, suas provisões e vencimentos. insinuam que as economias são só para os pequenos e que os grandes continuarão a gozar todas as prebendas.

Nós não queremos teimas, mas apraz-nos deitar ingenuidade d'esta vez a vêr se algum rufião nos engana, e ninguem poderia levar a mal se deitassemos attitude desconfiada, porque a verdade é que, se teem promettido tantas vezes economias e moralidade na publica administração, que se essas promessas se convertessem em realidade teriamos ha muito a mesma administração um primor.

Aguardemos pois os factos que não se farão esperar muito, porque a necessidade de converter em lei o projecto apresentado pelo sr. ministro da fazenda, é imperiosa, instante, sob pena de quanto mais tarde essa lei vigorar mais rigorosa terá de ser, maiores sacrificios exigirá, porque não se póde perder um momento em equilibrar as finanças, em moralisar a administração, em defender a nossa independencia

E esta é a mais ameaçada, a que mais periga se não pararmos no desfiladeiro em que a administração e a moralidade tem ido correndo ha quasi meio seculo.

Outra novidade é um projecto provisorio sobre a emigração, elaborado pelo sr. ministro do reino e brilhantemente justificado no relatorio com que o precede.

Este projecto tem por fim difficultar a emigração, cohibindo os abusos que se estão dando com os passaportes e exigindo aos agentes de emigração responsabilidades e garantias que até aqui não tinham.

Determina que os emolumentos que se cobravam pelos passaportes entrem nos cofres da receita eventual. O que exceder de 12:000$000 d'esta receita assim como o producto das multas impostas por infracção da mesma lei, será destinado a subsidiar duas bolsas de trabalho em Lisboa e no Porto, auxiliar associações de soccorros mutuos e outros melhoramentos das classes trabalhadoras etc.

Temos ainda um projecto apresentado nas camaras pelo sr. Ferreira de Almeida, para o governo ser auctorisado a alienar as possessões portuguezas da Africa Oriental, da India e Macau, revertendo o producto d'esta alienação em proveito das colonias restantes e sendo parte destinada para amortisação da divida publica, e desenvolvimento dos melhoramentos moteriaes do paiz etc.

Não é a primeira vez que no parlamento se levanta esta questão, e quando ha annos um deputado apresentou um alvitre semelhante, ia sendo apedrejado como anti-patriota.

Esse deputado foi o dr. Barboza Leão que Deus haja, e ninguem poderia pôr em duvida o patriotismo d'este portuguez de lei.

Hoje o projecto do sr. Ferreira de Almeida não fez uma impressão tão desagradavel como o do dr. Barboza Leão, no que bem se prova ser a experiencia a grande mestra da vida.

Os inglezes lá estão á espreita para levar o resto ou por dinheiro ou de graça, apesar de todos os tratados assignados.

Fiemo-nos nos tratados e veremos o tombo que levamos.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Rua Nova do Loureiro, 25 a 41.